



**MANIFESTAÇÕES DE PRECONCEITO LINGUÍSTICO E INTOLERÂNCIA
LINGUÍSTICA CONTRA O FALANTE RURAL NA MÍDIA**

Kércia Rosario Fiuza Oliveira¹
Elisângela Gonçalves da Silva²

INTRODUÇÃO

A língua é um fenômeno social; como tal está sujeita a variações e a mudanças advindas da própria sociedade. Nesta é observável a existência de uma variedade linguística considerada de prestígio ao lado de variedades não prestigiadas. A primeira é associada à norma culta e se refere ao falar de pessoas altamente escolarizadas, enquanto as últimas são identificadas como a linguagem de pessoas analfabetas ou de baixa escolaridade e até mesmo o falar rural. As variedades que “fogem” ao padrão linguístico são estigmatizadas, pois a sociedade despreza seus falantes, e julga esses falares como incorretos e feios (COELHO ET AL, 2010). Isso gera o preconceito linguístico, e, conseqüentemente, a intolerância linguística.

De acordo com Leite (2012), aparentemente as palavras *preconceito* e *intolerância* parecem sinônimas, todavia uma pesquisa aprofundada pode revelar que:

preconceito é a ideia, a opinião ou sentimento que pode conduzir o indivíduo à *intolerância*, à atitude de não admitir opinião divergente e, por isso, à atitude de reagir com violência ou agressividade a certas situações. Isso indica uma primeira diferença: o traço semântico mais forte registrado no sentido de *intolerância* é ser um *comportamento*, uma *reação explícita* a uma ideia ou opinião contra a qual se pode objetar. Não constitui, simplesmente, uma discordância tácita. Um *preconceito*, ao contrário, pode existir sem jamais se revelar e, por isso, existe antes da crítica. (LEITE, 2012, p. 20, grifos da autora).

Em um país altamente miscigenado, como o Brasil, com uma vasta extensão

1 Bolsista de Iniciação Científica pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Endereço eletrônico: kercia_rosario@hotmail.com

2 Orientadora. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Endereço eletrônico: elisangela.silva@uesb.edu.br



geográfica, cujos povos são multiculturais, não se pode levar em conta apenas uma variedade linguística, isto é, a língua padrão determinada pelas gramáticas normativas e disseminada pela escola. Considerando que prevalece na sociedade a ilusão de que existe esse falar ideal que deve ser empregado por todos os falantes da língua portuguesa, objetivamos com este trabalho analisar o que parece se caracterizar como manifestações de intolerância linguística com relação ao dialeto caipira (uma variante linguística não prestigiada) no diálogo de personagens da telenovela *Êta Mundo Bom!*³.

METODOLOGIA

O *corpus* desta pesquisa é constituído (i) por uma cena do quarto capítulo da telenovela *Êta Mundo Bom!*, em que a personagem Diana (Priscila Fantin) ridiculariza Filomena (Débora Nascimento) e em que Clarice (Marianna Armellini), amiga desta, propõe-se a lhe ensinar a falar “corretamente” para ser “aceita” na cidade, assim como (ii) por comentários encontrados sobre essa telenovela em um site e em um blog da internet que demonstram a maneira como os autores dos textos se referem ao dialeto caipira e ao protagonista Candinho (Sergio Guizé) por meio de termos que podem ser vistos como preconceituosos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na telenovela *Êta Mundo Bom!*, Filomena é uma personagem que nasceu e foi criada em uma fazenda no interior de São Paulo; tida como uma moça ingênua, é persuadida pelo vilão Ernesto (Eriberto Leão) a abandonar sua família e ir com ele para São Paulo, com base em uma promessa de casamento. Ao chegar à capital, Filomena “tem” que mudar seu visual e seu linguajar, de modo a se adaptar à vida na sociedade paulista. Por vezes, são verificadas cenas que nos levam a acreditar que essa personagem foi vítima de intolerância linguística devido à sua linguagem, própria de pessoas que habitam a zona rural.

Segue a transcrição da referida cena, em que, em um momento de descontração das

3 *Êta Mundo Bom!* é uma telenovela brasileira escrita por Walcyr Carrasco e Maria Elisa Berredo. Foi exibida pela Rede Globo no horário das 18 horas entre 18 de janeiro e 26 de agosto de 2016.



personagens, Clarice, Diana e Filomena, é iniciado um bate-papo entre as mesmas.

(C = Clarice / D = Diana / F = Filomena)

F = Nós vai fazé pés das meias pra mode casá.

D = (risada) Me faz um favor, não, dois. Primeiro, *aprende a falar como gente*, e segundo, pare de dizer asneiras. Ernesto casar com você, isso é piada.

C = Não responde Filomena. Diana está de ovo virado porque você fez mais sucesso do que ela.

D = Novidade sempre faz sucesso, depois perde a graça. (levanta do sofá) vou deitar, estou em pandarecos (sai com a bacia na mão).

F = (Levanta do sofá, como se fosse ir atrás de Diana) Ara, porque ela não gosta deu?

C = Que seja, (levanta) mas numa coisa Diana tem razão, *você precisa falar direito se não vai virar piada*.

F = Ara, como eu ei de falar?

C = *Eu lhe ajudo, começando pelo você ao invés de ocê*.

A nossa interpretação é de que, na transcrição acima, Diana discrimina Filomena, ridicularizando-a, devido à sua maneira de falar. Ao dizer, “Primeiro, aprende a falar como gente”, subtende-se que Filomena não é considerada gente por não empregar a variedade culta. Já Clarice expõe de maneira implícita o seu julgamento e crítica com relação à fala de Filomena ao propor ensinar-lhe a falar “corretamente”. Ao observarmos as falas das personagens, inferimos que, na referida telenovela, o morador da zona rural pode ser compreendido como inferior, digno de risos.

A seguir, são analisados dois fragmentos disponíveis em um site e em um blog da internet, respectivamente.

No site, encontramos a frase “O jeca vai passar a vestir terno e gravata nos próximos capítulos da trama”, na qual o autor se refere a Candinho como “Jeca”. Esse termo provém do personagem Jeca Tatu, de Monteiro Lobado, sobre o qual Falavina (2014) faz um excelente comentário:

[...] A imagem depreciativa do caboclo brasileiro figura no Jeca Tatu o atraso e a miséria do meio rural. Jeca Tatu vive à margem da civilização e a ela mão se adapta. Jeca é homem rústico e sem tratos que não sabe se comportar como aqueles que tem costumes da cidade. “Coitado, é Jeca, não sabe se portar” é expressão comum para denominar o homem do campo sem modos de cidade grande [...] (LOBATO, 1971, p.148).

Consideramos que a frase pode consistir em uma manifestação de preconceito linguístico, visto que apresenta o morador da zona rural de um modo jocoso, como motivo



de piada, de riso, o que, para muitos, pode parecer uma atitude inocente, mas que, na realidade, é pejorativa, discriminatória. Fica subentendido que Candinho irá se “fantasiar”, tentar maquiagem sua condição ao mudar os seus trajes (passar a usar terno e gravata), mas não alterando em nada o seu modo de falar.

O mesmo se verifica neste fragmento retirado de um texto do blog, em que se faz uma avaliação sobre a receptividade do público ao núcleo da zona rural de *Êta Mundo Bom!*: “O tom brejeiro e inocente do núcleo da fazenda agradou em cheio o público, graças a personagens cativantes, *de sotaque caipira com português errado, em situações pueris e engraçadas [...]*”. Aqui volta a se perpetuar a manifestação de preconceito linguístico com relação ao dialeto caipira.

Nota-se, neste fragmento, que, para discorrer sobre o dialeto caipira, o autor do texto usa os termos “tom brejeiro” e “sotaque caipira com português errado”. O substantivo “brejeiro” é empregado nesse contexto com o sentido da característica daquele que gosta de se divertir e divertir os outros; brincalhão, gozador, comentário que demonstra uma atitude preconceituosa com relação ao morador da zona rural. Isso é reforçado pela afirmação do autor de que é justamente a maneira de falar dos personagens que cativa o público, pois é apresentada em situações pueris e engraçadas, que causam o riso. A questão que se coloca é “Por que moradores da zona rural têm que ser vistos como motivo de piada, de graça?”. Ademais, da expressão “sotaque caipira com português errado” depreende-se novamente que há um português incorreto e um português correto, ou seja, está-se reproduzindo o discurso de que há somente uma forma correta de falar a língua portuguesa, que naturalmente não é a das pessoas provenientes da zona rural.

CONCLUSÕES

Por meio da breve análise apresentada neste trabalho, discutimos manifestações de preconceito e intolerância linguística que encontramos na mídia em relação à variante rural do português brasileiro. Isso é feito quando é mostrado que, para ser aceito em um ambiente que não é o seu (na alta sociedade paulistana), o morador da zona rural (a personagem Filomena) “deve” modificar o seu modo de falar, que é “errado”, “feio”, “cômico”. Os comentários do site e do blog apresentam esse indivíduo como aquele que provoca o riso em decorrência de seu falar e que, conseqüentemente, é discriminado, marginalizado. Entretanto essa maneira de a mídia tratar o dialeto caipira vai de encontro



ao que é evidenciado por Barbosa, Souza e Silva (2015) de que não existe maneira “certa” ou “errada” de falar, mas diversas formas de falar a mesma coisa, isto é, não há nenhuma variedade superior à outra.

Palavras-chave: Dialeto caipira. Intolerância linguística. Norma culta. Preconceito linguístico.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, E. A.; SOUZA, V. V.; SILVA, J. A. A. da. Concordância verbal no 9º ano: que fatores linguísticos e extralinguísticos a impulsionam?. **Revista Philologus**. 2015. V.63. p.698- 717.

COELHO, I. L. et al. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.172p.

FALAVINA, F. P. O preconceito à linguagem caipira: um falar regional ou inculto?. **Revista eletrônica de literatura [on-line]**. Disponível em: < <http://oguari.blogspot.com.br/2014/12/o-preconceito-linguagem-caipira-um.html>>. Acesso em: 18 de abril de 2017.

LEITE, M. Q. Preconceito e intolerância na linguagem: algumas reflexões. In: _____. **Preconceito e intolerância na linguagem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 17-29.